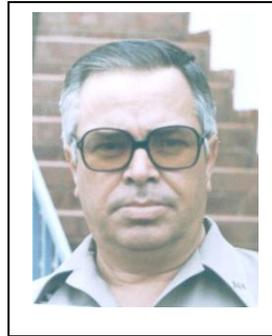


FHE **POUPEX**

OS DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA, TESTEMUNHAS DOS GRANDES MOMENTOS DE NOSSA HISTÓRIA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

Artigo do autor e digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas, no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado em Boletim à AMAN e em desenvolvimento para integrá-lo no Projeto Pergamium de bibliotecas do Exército. Artigo original publicado ilustrado em edição histórica a nós confiada no Correio Braziliense, em Brasília, de 21 de abril de 1972, comemorativa do início das comemorações do Sesquicentenário da Independência e a seguir publicada na **Revista Militar Brasileira**, nº 1 e nº 2 de jan-jun 1972, p.105-112. As ilustrações coloridas focalizando Dragões da Independência foram retiradas

da obra **Dragões da Independência Brasil, 2002**, de autoria de Paulo Beltran, fotos de Renato Assis e a Apresentação do Comandante do Dragões Cel Cav Fernando Vasconcellos Pereira.

DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA- TESTEMUNHAS DOS GRANDES MOMENTOS DE NOSSA HISTÓRIA



Os Dragões da Independência de Brasília, em sua missão de proteger o Governo e sua sede

REENCONTRO O ESPIRITUAL

Neste dia histórico de 21 de abril de 1972, em que a capital do Brasil, jubilosa, assiste ao início das comemorações do Sesquicentenário da Independência, marcado pelo retorno ao Brasil dos restos mortais de D. Pedro I, 180º aniversário do martírio de Tiradentes, na forca, pelos ideais de Independência e República, 12º aniversário de **Brasília** e do "**Correio Brasiliense**" no Brasil.

É justo e oportuno que se evoque e se reverencie uma organização muito gloriosa, histórica e tradicional, ligada, intimamente, de forma espiritual, a este elenco de efemérides, de grande projeção nos destinos do Brasil.

NOBREZA, GLÓRIA E TRADIÇÃO

Trata-se da mais antiga e tradicional unidade militar das Forças Armadas — o **1º Regimento de Cavalaria de Guardas — "Dragões da Independência"**, transferido em definitivo para Brasília, por decreto de 19 Jan 1968, sob sentidos e profundos protestos da população do Rio de Janeiro, depois de 160 anos de permanência na antiga capital.

Foi criada em 13 de maio de 1808 pelo Príncipe Regente D. João, com a denominação de **1º Regimento de Cavalaria do Exército** e, em data coincidente com o aniversário de seu criador.

Com isto, D. João procurou distinguir e prestigiar a unidade de elite por ele criada, com a missão de **guardar o governo e sua sede** e a de impedir e destruir o invasor, em caso de desembarque de tropas napoleônicas no litoral.

A unidade, desde então, jamais desmereceria a confiança que nela depositou seu criador, e a finalidade de guardar a sede do governo do Brasil.

FELIZ COINCIDÊNCIA

Foi criado, oficialmente, no mesmo ano e 19 dias antes que Hipólito da Costa — o fundador do jornalismo brasileiro, editasse em Londres, o primeiro número do "**Correio Brasiliense**".

A ambos, corporação militar e jornal, caberiam, cada qual dentro de suas relevantes funções sociais de Segurança e Informação, papéis destacados e decisivos na concretização e consolidação da maior aspiração do povo brasileiro — a Independência.

Hoje, ambos encontram-se em Brasília consolidada e em seu 12º aniversário, na capital sonhada na Inconfidência por Tiradentes — historicamente ex- integrante da unidade — e por Hipólito da Costa em 1808, através deste jornal, e ambos igualmente, fiéis ao ideal de bem servir à Pátria.

Fiel ao ideal de Tiradentes, a Unidade se fez representar nas cerimônias de inauguração de Brasília por uma luzidia representação de 80 dragões, que emprestaram maior brilho ao ato de concretização de um gigantesco passo na aspiração do povo brasileiro de Integração e de solução do problema nº 1 da Geopolítica do Brasil.

A UNIDADE DE TIRADENTES

As raízes históricas e espirituais dos "**Dragões da Independência**" de Brasília, são bem mais profundas no contexto das aspirações do povo brasileiro de Independência e de República.

Eles são anteriores, possivelmente a 1719, segundo o abalizado pesquisador Augusto Lima Júnior. Por esta razão, o historiador militar Coronel Francisco Ruas Santos, Presidente da Comissão de História do Exército, do Estado-Maior do Exército, defende a tese de que Tiradentes devia ser considerado ex-integrante da unidade, pois esta foi organizada, com base em outras onde havia servido o "**Mártir da Independência**" que hoje evocamos e reverenciamos, no dia do 180º aniversário de seu martírio na forca.

Martírio seguido de esquartejamento, pela aspiração brasileira de Independência, 30 anos antes que fosse proclamada por D. Pedro I e, 97 anos antes da proclamação da República pelo Marechal Deodoro da Fonseca.

É mais uma tradição de profundo sentido histórico e espiritual, bem como de grande responsabilidade, a ser guardada e cultuada pelos "**Dragões da Independência**" — do **1º Regimento de Cavalaria de Guardas de Brasília**, comandados neste momento histórico pelo Coronel Hernâni Jorge Correia.

TRÊS GRANDES MOMENTOS

Quando o Príncipe D. Pedro desobedeceu às Cortes de Portugal no histórico **Dia do Fico**, tentou fazê-lo embarcar forçado — o General Avilez.

A reação da unidade, então, ao lado do povo brasileiro, foi catalítica e decisiva, ao cooperar militarmente, para quem embarcasse forçado fosse Avilez e sua tropa — a **Divisão Auxiliadora**.

Com este fato, e mais a atenção da unidade para com a princesa D. Leopoldina, enferma, em não preocupá-la, ao manter o sigilo e discrição sobre a operação militar contra Avilez, a unidade se impôs a confiança de D. Pedro.

Alguns integrantes da unidade compunham a escolta de D. Pedro na ocasião em que o Príncipe proferiu o brado imortal de "**Independência ou Morte**", nas margens do Ipiranga.

Posteriormente, foram imortalizados na célebre pintura de Pedro Américo, onde aparecem com o mesmo uniforme que utilizam desde 1926, oficializado em 1936, juntamente com o honroso título acessório de **Dragões da Independência**, como ato de justiça histórica,

propugnados pelo historiador Pedro Américo, pela atuação decisiva da unidade no ***Dia do Fico*** e no ***Grito do Ipiranga***, em prol da Independência.

Quando o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República montava um cavalo baio de nº 6, pertencente ao regimento e que lhe fora cedido para aquele momento histórico pelo Alferes Eduardo José Barbosa.

A unidade então formou na vanguarda das tropas que marcharam para o Campo de Santana para garantirem a Proclamação da República.

Que estranha coincidência histórica, Era um alferes do regimento a que pertencera o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, a ceder sua montaria e sela para que o Marechal Deodoro concretizasse um sonho pelo qual Tiradentes pagara com o suplício, 97 anos antes.

O Regimento conserva, como tradição, desde então, destinar um cavalo baio de nº 6, como montada do comandante.



O Comandante dos Dragões da Independência, em 2002 Cel Cav Fernando Vasconcellos Pereira, respeitando a Tradição, montando um novo baio nº 6, lembrando o baio nº 6 que o Marechal Deodoro da Fonseca montava em 15 de Novembro de 1889, Dia da Proclamação da Republica.

SUGESTÃO OPORTUNA

O baio nº 6 morreu em 1904 e foi enterrado no pátio do quartel do Rio de Janeiro e sobre seus restos erigido um monumento em sua memória, pelo Coronel Caetano de Faria. A sela utilizada por Deodoro, na Proclamação da República, encontra-se no Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre.

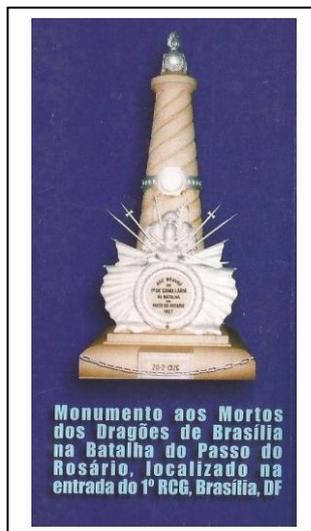
Seria ideal e lógico que a sela fosse transferida para a Capital da República, sob a guarda e, sobretudo conservação especializada dos "**Dragões da Independência**", de onde ela saiu para entrar na História.

Consultaria, talvez, a tradição, exumar o baio nº 6, e trazê-lo para Brasília, bem como se tecnicamente possível, a histórica baia de onde ele saiu para entrar na História.

Os egípcios removeram obras de arte milenares para não serem inundadas e não perderam elas seu sentido histórico e espiritual.

O Regimento ao transferir-se do Rio, transportou para Brasília o monumento aos heróis da batalha do Passo do Rosário, erigido em 1927 na via pública, fronteiro a seu portão principal, por ocasião do centenário desta batalha em que participou com destaque.

É a modesta sugestão que aqui fazemos dentro do objetivo nacional de preservação de nossos valores morais e espirituais da nacionalidade, ou o culto à Tradição — a alma de um povo.



BRAVURA, DISCIPLINA, FIDELIDADE

Ao longo de sua brilhante, histórica e invejável trajetória de unidade de elite do Exército e de testemunha e participante dos grandes momentos de nossa História, constituiu-se lugar comum em seu **Registro Histórico**, citações e elogios militares e de chefes de Estado do Brasil, pela bravura, disciplina e fidelidade com que a unidade sempre se conduziu, no Império e na República.



Seja como participante de lutas internas e externas, no Sul, no Nordeste e Leste da Pátria, na defesa intransigente, das mais legítimas aspirações do povo brasileiro, de Independência, Unidade, Soberania, República, Paz Social, Democracia e Integração, ou seja, no desempenho de suas missões normais de guarda do governo do Brasil, guardas de honra e escoltas para os chefes de Estado do Brasil e estrangeiros que nos visitam.

O reconhecimento oficial e eloquente de sua destacada atuação ao longo de nossa História, se traduz pelo fato de ter sido a primeira unidade do Exército a ser agraciada com a ambicionada **Ordem do Mérito Militar**.

Os "**Dragões da Independência**" orgulham-se de possuir o Diploma nº 1 desta Ordem.

TEMPOS DIFÍCEIS E DE TRISTEZA

Expedicionou em Pernambuco em 1817, e, depois em 1824, ocasião em que participou ativamente na luta, destacando-se no combate de Boa Vista.

A Guerra Cisplatina (1825-1828) o levou para o Rio Grande do Sul, onde participou com destaque de toda a campanha, sob o comando do bravo Coronel Pedro Calmon, que embora enfermo, a conduziu aos caminhos da glória, durante quase três anos, sem falhar um só dia ao seu nobre dever.

Na batalha do Passo do Rosário, integrando a 1ª Brigada de Cavalaria da Divisão Sebastião Barreto, coube-lhe destacado papel. Após a indecisa batalha, cobriu a Retaguarda do Exército em sua marcha para o rio Jacuí.

O Marquês de Barbacena assim escreveu ao Imperador sobre a atuação do Regimento em Passo do Rosário: foi "**um dos quinhoeiros da glória daqueles ilustres feitos**".

A Revolução Federalista de 1893-1895 levou expressiva fração da Unidade ao Paraná e Santa Catarina, sob o comando do intrépido e bravo Major Carlos de Alencar.

Destacou-se, então, em diversas operações e, em especial, no combate do Rio Peixe.

Logo a seguir, sob o comando do Major Alencar, um esquadrão da unidade integrou a última expedição a Canudos, onde constituiu a Ala de Cavalaria ao comando do mesmo Major que tombou em ação, como a maioria dos oficiais superiores da expedição, alvos prediletos dos jagunços.

Foi pesado o tributo exigido da unidade, em vidas, sangue e sacrifícios de seus bravos, pois dos 70 que partiram para a luta, somente 31 retornaram.

De retorno ao Rio, assistiram tombar sob o punhal assassino de Marcelino Bispo, um ex-Comandante da Unidade, e naquele momento Ministro da Guerra — o Marechal Bittencourt, considerado o pai da Logística no Exército e atual patrono do Serviço de Intendência.

O Marechal Bittencourt foi atingido mortalmente quando interpôs-se entre o assassino e o Presidente Prudente de Moraes — alvo visado pelo fanático.

NA SEGURANÇA DO RIO

No Rio de Janeiro foi envolvido nas revoluções de 1893, 1922, 1924, 1930, 1932, 1935, 1937 e na contra revolução de 1964. Em 1893 teve atuação destacada na defesa da Ilha do Governador.

Em 1922, coube a um integrante da unidade, ser o primeiro a penetrar no Forte de Copacabana, no célebre episódio dos **Dezoito do Forte**, que marcou o início de um processo revolucionário que até hoje perdura.

Nesta ocasião, foi prisioneiro da unidade o Tenente revolucionário Arthur da Costa e Silva, ao qual caberia, em 1988, na qualidade de Presidente da República, determinar a transferência da unidade para Brasília, como ato significativo de sua inabalável intenção de consolidar a nova Capital.

Na Revolução de 1924, teve destacada atuação neste movimento, o Tenente da unidade, Júlio de Castilhos Cachapuz de Medeiros.

Na de 1935, conhecida como Intentona Comunista, a unidade foi uma das poucas que não foi atingida pela subversão. Foi Tenente na unidade o Marechal Eurico Gaspar Dutra.

Ficou prisioneiro da unidade por algum tempo, o Visconde de Ouro Preto, chefe do último gabinete de D. Pedro II.

LIGAÇÕES HISTÓRICAS E SENTIMENTAIS

Por esta unidade passaram diversas personalidades das mais ilustres. Foi a primeira a receber em suas fileiras um príncipe. Nela assentou praça como cadete D. Felipe Luiz Maria Bourbon, por ocasião da guerra do Paraguai.

Em 24 de maio de 1878, por ocasião do 12º aniversário da Batalha do Tuiuti, a unidade recebeu a visita honrosa do vencedor desta batalha — o Marechal Osório, atualmente patrono da Arma de Cavalaria do Exército.

Permaneceu longas horas no quartel onde assistiu a uma peça teatral. Era o seu adeus às armas, a sua arma — A Cavalaria do Exército do Brasil, pois faleceria no ano seguinte. Comandaram também esta unidade, entre outros já destacados: O Coronel Manoel Antônio da Fonseca, após, Ministro da Guerra durante a Guerra do Paraguai.

Coronel Augusto Tasso Fragoso, mais tarde membro da Junta Militar que transmitiu, em 1930, o Governo ao Dr. Getúlio Vargas, e então chefe do Estado-Maior do Exército e patrono espiritual deste órgão, além de destacado escritor e historiador militar.

Tenente-Coronel João Pessoa Cavalcante de Albuquerque que inaugurou quando interino, em 12 de fevereiro de 1927, o **Salão de Honra do Regimento**, contendo magníficas cópias de Bernadelli e Pedro Américo, executadas pelo pintor paulista Joaquim Pereira e evocadoras de Duque de Caxias e General Osório e de dois grandes momentos da unidade: o **Grito do Ipiranga** e a **Proclamação da República**.

Mais tarde caberia ao General João Pessoa, a idealização e construção da modelar Academia Militar das Agulhas Negras de Resende, destinada à formação de oficiais para o Exército.

VIBRAÇÕES EVOCADORAS

Ao longo de sua história o Regimento participou dos mais importantes acontecimentos sociais históricos, do Império e República.

Esteve presente na coroação dos imperadores e na posse dos presidentes. Escoltou todos os Chefes de Estado estrangeiros que nos visitaram, e prestou honras fúnebres a ilustres personalidades, além de ter recebido, comu, em seus aquartelamentos, ilustres visitantes nacionais e estrangeiros.

Atualmente, além destes encargos, divide com o **Batalhão da Guarda Presidencial** as tarefas de guarda de Honra do Presidente da República.

Todas as segundas e quintas-feiras presta continência de estilo ao Presidente da República, quando esta autoridade chega ou deixa o Palácio do Planalto, numa belíssima e tocante cerimônia militar que se constitui uma das maiores atrações para o turista em Brasília.

Nestas ocasiões, por certo, vibra bem alto na alma do Presidente Medici a sua condição de destacado oficial de Cavalaria, a arma do Capitão Manoel de Araujo em Guararapes, de Tiradentes, de Antônio João, de Andrade Neves "**O Vanguardeiro**" e de Osório o "**Legendário**" e tantos outros bravos.

Enfim, da sua arma, a nobre arma, "**a arma ligeira que transpõe os montes, caudais profundos com amor e glória, a estrela guia em negros horizontes no caminho da luta e da vitória**".

Vibra, igualmente, nestas ocasiões, um ex-comandante da Unidade — o General João Batista de Figueiredo que a transferiu do Rio e a instalou em Brasília e filho de outro ilustre e destacado ex-comandante da Unidade, o Coronel Euclides de Oliveira Figueiredo, o introdutor, de 1926, dos vistosos e históricos uniformes usados pelos dragões, adotados oficialmente em 1936, juntamente com o honroso título de "**Dragões da Independência**".

Seu pai seria, após, um dos líderes da Revolução Constitucionalista de 1932 que comemorará este ano seu 40.º aniversário, assinalado por grandes festejos, nos quais transbordarão o civismo bandeirante, importante e vigoroso fundamento do sentimento maior de brasilidade.

ENCONTRO COM SUA HISTÓRIA

Hoje no Rio, 60 dragões, simbolizando os que testemunharam o Grito do Ipiranga de "**Independência ou Morte**", estarão presentes para receberem os restos do Imperador D. Pedro I, trasladados de Portugal a bordo do "Funchal".

Receberão, acompanharão e guardarão os veneráveis restos mortais do 1.º Chefe do Estado do Brasil Independente, até 7 de setembro, quando serão depositados no Monumento Ipiranga, pelo Presidente Emílio Medici e Primeiro-Ministro Marcelo Caetano de Portugal, para ficarem em definitivo no Brasil.

Neste mesmo dia, 200 dragões desfilarão pela primeira vez em São Paulo, decorridos 150 anos do histórico momento em que muitos de seus componentes assistiram ao brado imortal que selou a aspiração máxima do povo brasileiro — a **Independência**.

DEVER CUMPRIDO APÓS LONGA JORNADA

Nestas históricas efemérides que hoje evocamos, os "**Dragões da Independência**" de Brasília devem sentir-se jubilosos e com a sensação do dever cumprido, após uma longa existência de fidelidade a seu expressivo lema "**Cumpre o teu dever aconteça o que acontecer**".

Sentem a sensação do dever cumprido, por terem cooperado, decisivamente, para poderem contemplar o Brasil de Hoje, mais do que nunca, independente, uno, soberano, em paz, com prestígio internacional, feliz, esperançoso e em processo acelerado de Desenvolvimento e Integração e de Desenvolvimento Espiritual, pela preservação dos mais legítimos e autênticos valores morais e espirituais do Brasil entre os quais: religiosidade, amor à liberdade, com responsabilidade e sobretudo, admirável conagração racial brasileiro que fez do Brasil a maior e mais autêntica Democracia Étnica do Mundo.



Nota: Em 1972, como Membro da Comissão de História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército, cooperamos com o então Maj Cav Alcides Thomaz de Aquino, a elaborar o livro **Dragões da Independência**, que foi incluído na Coleção de Livros alusivos ao Sesquicentnário da Independência, de cuja Comissão participou Professor Pedro Calmon, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O citado Major Alcides, hoje sócio da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, reeditou ampliado seu livro sobre Os Dragões da Independência.